

La Comédiathèque

O SORTEIO DO PRESIDENTE

JEAN-PIERRE MARTINEZ



comediatheque.net

**Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor:**
<https://comediathèque.net>

O Sorteio do Presidente

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

No único bar de uma aldeia despovoada devido ao êxodo rural, para esquecer a triste realidade, os proprietários e os poucos clientes que restam inventam notícias falsas... embora algumas delas possam ser profecias.

Personagens

Manolo e Concha – proprietários do bar (homem e mulher)

Chris e Toni – agentes funerários (homem ou mulher)

Nat e Luca – estudantes (homem ou mulher)

Fred e Alex – políticos (homem ou mulher)

Sam e Max – jornalistas (homem ou mulher)

*Os personagens de Fred e Alex podem ser interpretados
pelos atores que interpretam Nat e Luca.*

*Os personagens de Sam e Max podem ser interpretados
pelos atores que interpretam Chris e Toni.*

Nesta versão, os pares de personagens são mistos. Mas todos os personagens da peça, com exceção de Manolo e Concha, têm sexo indiferente.

Portanto, as distribuições possíveis são bastante variadas:

10: 9H/1M, 8H/2M, 7H/3M, 6H/4M, 5H/5M, 4H/6M, 3H/7M, 2H/8M, 1H/9M

9: 8H/1M, 7H/2M, 6H/3M, 5H/4M, 4H/5M, 3H/6M, 2H/7M, 1H/8M

8: 7H/1M, 6H/2M, 5H/3M, 4H/4M, 3H/5M, 2H/6M, 1H/7M

7: 6H/1M, 5H/2M, 4H/3M, 3H/4M, 2H/5M, 1H/6M

6: 5H/1M, 4H/2M, 3H/3M, 2H/4M, 1H/5M

Um bar. Atrás do balcão, Manolo, o dono, folheia um jornal enquanto solta uns resmungos de vez em quando. Concha, a dona, limpa copos. Dois jovens, Nat e Luca, estão sentados a uma mesa com um refrigerante. Vestem camisetas que mostram as suas convicções ecologistas e veganas. Há um jornal na sua mesa.

Concha – Pareces aborrecido. O que se passa?

Manolo – O que se passa? Perguntas o que se passa?

Concha – Sim, Manolo, o que se passa?

Manolo – Nada funciona neste país, minha pobre Concha! Nada!

Ela olha para baixo do balcão.

Concha – De qualquer forma, a máquina de lavar loiça não funciona. Devias dar uma olhadela.

Manolo – Está tudo podre, digo-te! Tudo!

Ela dá uma olhadela pela vitrina do bar.

Concha – Sim... Até o clima está podre.

Manolo – O quê?

Concha – Para ser abril, está um tempo horrível, não achas?

Manolo – Sim...

Concha – Casámo-nos há trinta anos. Foi em abril. Lembras-te? Estava um tempo maravilhoso.

Manolo – Aquecimento global, dizem eles... Meu rabo... Está frio, e ponto.

Concha – Ou talvez sejamos nós...

Manolo – Nós?

Concha – Com a idade, arrefecemos.

Manolo olha para os dois jovens sentados à mesa.

Manolo – Olha para estes dois idiotas, andam de camisetas.

Os dois jovens beijam-se.

Concha – Pelo menos eles não arrefecem.

Manolo – Sim...

Concha – São jovens...

Manolo – Isso passa-lhes.

Concha – Ainda têm ilusões...

Manolo – O que tu digas... Chamam-se veganos e bebem Coca-Cola.

Concha – Porquê? Há carne na Coca-Cola?

Manolo – Sim, eu sei o que digo.

Concha – Só tu é que sabes...

Manolo – E pensar que dependemos deles para pagar as nossas reformas.

Concha – Primeiro, eles teriam de encontrar trabalho. Já não há muito por aqui... Desde que fecharam a fábrica de pneus e a mudaram para a Bielorrússia...

Manolo – Para encontrar trabalho, primeiro têm de procurar.

Concha – Fazem bem em aproveitar o momento. Quando tiverem a nossa idade...

Manolo – O quê, quando tiverem a nossa idade...?

Concha – Sempre me perguntei por que os operários queimam pneus quando fazem greve. Sabes porquê?

Manolo não ouve.

Manolo – Pneus?

Concha – Por que queimam pneus? Sempre que vemos grevistas na televisão, queimam pneus. Sabes porquê?

Manolo – Naquela fábrica de merda, pelo menos podiam queimar pneus novos.

Concha – Queimar pneus, sinceramente... Que sentido faz isso?

Manolo – O que esperas que queimem...?

Concha – Deve ser uma tradição.

Manolo – Isso mesmo. Deve ser uma tradição que remonta à Idade Média.

Concha – Aposto que hoje em dia queimariam Joana d'Arc numa pilha de pneus numa rotunda.

Manolo – Joana d'Arc...

Concha – Os jovens de hoje, pelo menos, não queimam pneus.

Manolo – Não, tens razão, não queimam pneus... Queimariam carros...

Concha – Talvez na cidade, mas aqui... A única vez que o nosso carro incendiou foi porque deixaste as cinzas do assado na bagageira.

Manolo – Juro-te... Se fosse por mim, reintroduziria o serviço militar obrigatório, sim... E não só por doze meses, acredita.

Concha – Tu fizeste o serviço militar?

Manolo – Fui dispensado...

Concha – Sim... E nunca me disseste porquê...

Manolo – Acredita, é melhor não saberes...

Chris e Toni chegam, vestidos como funcionários de agências funerárias.

Chris – Senhoras e senhores...

Concha – Ah, aí vêm os coveiros.

Toni – Hoje em dia somos chamados de "agentes funerários".

Manolo – Devíamos chamar-vos abutres, sim. Quando vemos estes dois por aí, é porque há um cadáver por perto que já começa a cheirar mal.

Concha – É verdade. Sempre que atravessam a porta do bar, pergunto-me se não vêm por mim.

Chris – Um dia será mesmo por ti, vais ver. Na nossa profissão, todos são clientes pelo menos uma vez na vida.

Toni – Não sei... Também podias dizer - "Olha, ali está o presidente da Câmara e o seu vice-presidente". Isso seria mais animado.

Manolo – Mais animado? De jeito nenhum... Quando numa vila o presidente da Câmara e o seu vice são coveiros, já é sinal de que algo não está bem, não achas?

Chris – Tens razão. Já só restam uns trinta por aqui. Se continuar assim, isto vai virar uma vila fantasma.

Concha – Há mais gente no cemitério do que na igreja aos domingos, de certeza.

Manolo – E há ainda menos gente no bar do que na igreja.

Chris – Sim... Já só restam velhos por aqui.

Toni – O padre já nem consegue encontrar acólitos.

Concha – Ainda assim... quem seria tão louco ao ponto de confiar o filho a um padre?

Toni – Além disso, com este vírus que continua a mutar todas as semanas, digo-te que agora mesmo não nos falta trabalho.

Concha – Então vocês são dos que se beneficiam da pandemia, certo?

Chris – Sim... Até poderíamos contratar mais gente. Mas é como na restauração. Nas nossas profissões, é difícil encontrar pessoal qualificado.

Toni – O que se pode fazer? Ser coveiro não é um ofício que atraia os jovens.

Manolo (*apontando para os dois jovens com o queixo*) – Olha, ali tens dois que estão à procura de trabalho...

Toni – Cuidado, nós não contratamos qualquer um. Uma cremação é algo delicado. Não é tão simples como colocar uma pizza no forno ou acender uma churrasqueira.

Concha – Mesmo uma churrasqueira, sabes... Há alguns tão estúpidos que põem as cinzas no porta-malas do carro...

Chris – Sim... Quando nos reformarmos, não sei quem vai ficar no nosso lugar.

Manolo – Talvez pizzaiolos bielorrussos.

Toni – Enquanto isso, vamos beber alguma coisa.

Chris – Vamos, Concha, serve-nos uma cervejinha. Dizem que imuniza contra todas as doenças.

Toni – E não há efeitos secundários.

Chris – Embora tenham sido reportados alguns casos de cirrose hepática.

Manolo – Vês, Concha? Estes dois são verdadeiros patriotas. Bebem cerveja nacional. Não tomam bebidas importadas.

Concha (*servindo duas cervejas*) – Aqui estão.

Os jovens sentados à mesa começam a conversar.

Luca – Que seca, esta vila.

Nat – É o único café a trinta quilómetros em redor.

Luca – Ainda podemos chamar-lhe café? Se pelo menos houvesse um jukebox, um fliperama ou um bilhar, seria um pouco retrô. Mas isto aqui parece um filme de zumbis.

Nat – Eles, pelo menos, não se aborrecem nunca.

Luca – Sim... Parece que começam bem carregados logo de manhã...

Nat – Nem sequer são oito horas, e já estão a bebericar.

Luca – Olha as caras deles, parecem degenerados...

Nat – Ou talvez seja por causa do vírus...

Luca – Quem sabe, talvez tenha subido ao cérebro.

Nat – Deve ser uma variante resistente ao álcool, então. Porque com eles, até o cérebro deve estar bem ensopado.

Luca – Eles tomam gel hidroalcohólico por via oral. Uma gota de água para cada duas doses de Anis.

Nat – Talvez também estejam a mutar. Como o vírus.

Luca – Sabes como os vírus mutam?

Nat – Não.

Luca – Normalmente, multiplicam-se de forma idêntica, mas sempre há erros no processo de reprodução.

Nat – É o princípio da seleção natural de Darwin, certo? Só que aqui, são sempre os erros que acabam por se impor.

Luca – Tens razão, cada vez ficam mais estúpidos...

Nat – E o vírus da estupidez ainda não terminou de mutar...

Luca – Sabes a que é que me lembram?

Nat – Não... ¿Baratas? Dizem que as baratas podem continuar a viver depois de lhes cortarem a cabeça.

Luca – Tens razão, não parecem usar muito as suas cabeças. Não, eu estava a pensar mais em térmitas.

Nat – Entendo o que queres dizer.

Luca – Animais sociais que se alimentam da estrutura da sua própria casa.

Nat – Até que o teto lhes caia em cima...

Luca – É uma boa definição para a humanidade, a mudança climática e o apocalipse programado. Suspiros.

Nat – O que podemos fazer para evitar isso?

Luca – Evitar o fim do mundo? Não sei. Admito que já não acredito na política.

Nat – Eu também não. Não acredito que possamos mudar as coisas de cima para baixo.

Luca – As pessoas não param de criticar o governo. Mas temos o governo que merecemos, certo? Quando as pessoas forem menos estúpidas, terão governantes dignos desse nome.

Nat – É como com as térmitas, na verdade. Na verdade, a rainha não governa nada. Apenas reproduz o sistema de forma idêntica ao pôr ovos. Enquanto as térmitas forem térmitas, não adianta mudar a rainha.

Luca – E enquanto os tolos forem tolos, não adianta mudar o rei dos tolos.

Nat – Sim...

Luca – Olha, tenho um tema para o exame de filosofia do ensino médio - Na espécie humana, os mais tolos estão sempre destinados a ser maioria?

Nat – Por enquanto, nossa variante nacional da estupidez só conseguiu se impor no país.

Luca – Nem sequer podemos exportar nossos tolos. Dá vontade de desesperar pela pátria.

Nat – Enquanto isso, vamos ver até onde eles são capazes de ir.

Luca – Estou certo de que nos surpreenderão... Estás pronto?

Nat – Estou pronto.

Luca – Que comece o espetáculo...

Eles se levantam.

Luca – Senhoras e senhores...

Nat – Tenham um bom dia...

Os outros respondem com um aceno de cabeça. Eles saem.

Concha – De qualquer modo, eles são bastante educados.

Manolo – Não sabia que ainda havia jovens por aqui... Conheces-os?

Concha – Talvez tenham vindo visitar os avós.

Chris – Ou talvez tenham vindo para o funeral.

Manolo – Que funeral?

Toni – O cliente que temos na carrinha. Era o mais velho da vila.

Concha – Num vilarejo de trinta habitantes, não é difícil ser o mais velho.

Manolo – E é ainda mais fácil ser o prefeito... Principalmente quando és o único candidato...

Chris – Podias ter-te candidatado! Já tens muitas ideias para salvar o país, então uma pequena aldeia como esta...

Manolo – Sim, bem... Quem é o mais velho agora?

Toni – Porquê? Vais candidatar-te?

Em vez de responder, Manolo vai limpar a mesa.

Manolo – Podiam ter levado o vosso jornal... Isto não é um lixo!

Toni – Pelo menos esses sabem ler.

Manolo – Vês, Concha? Não são tão educados, afinal...

Concha – Sê um pouco simpático com os clientes. Achas que temos demasiados?

Chris – O que fazem no bar, antes de mais? Em vez de estarem na escola ou no trabalho?

Concha – O mesmo que vocês, suponho.

Toni – Ao amanhecer, os grandes felinos, como as jovens gazelas, vêm refrescar-se com a água clara do rio...

Chris – Cuidando dos velhos crocodilos à espreita no lodo.

Concha fica um momento perplexa com este comentário insinuante.

Concha – Não está muito quente para ser abril, não está? (*Sem reação por parte dos dois enterradores*) Pergunto-me se devia ligar o aquecimento... (*Uma pausa*) Vocês sabem alguma coisa sobre máquinas de lavar louça?

Os enterradores fazem de conta que não sabem de nada.

Toni – Se fosse o forno, talvez...

Concha – Ah, juro-te... Querem mudar o mundo, mas não conseguem arranjar uma máquina de lavar louça.

Manolo volta para o balcão com os copos e o jornal. Ele esvazia a bandeja e dá uma olhada no jornal.

Manolo (*lendo*) – Mata o marido violento com uma espingarda de caça, corta o cadáver com uma motosserra e dissolve-o num banho de soda cáustica...

Chris – E é isso que traz a libertação das mulheres...

Concha – Dizem que o marido era violento.

Manolo – Serias capaz de fazer isso?

Concha – Experimenta levantar-me a mão para ver o que acontece.

Manolo – E, além disso, ela foi absolvida!

Chris – Já vais ver que logo lhe vão dar uma medalha.

Concha – E por que não? Pelo menos esse desgraçado já não faz mal a mais ninguém. Está errado ou não?

Ninguém se atreve a contradizê-la.

Toni – Sim...

Manolo volta à leitura. Um título na primeira página chama-lhe a atenção.

Manolo – Não consigo acreditar...

Chris – O que é que se passa?

Manolo – Está na primeira página, nem tinha visto. Normalmente, vou direto às notícias sensacionalistas.

Toni – Outro homicídio?

Manolo (*lendo*) – Devido ao recorde de abstenção nas últimas eleições, as eleições presidenciais por sufrágio universal foram canceladas.

Chris – A sério...?

Manolo (*continuando a leitura*) – O próximo Presidente da República será escolhido por sorteio entre todos os eleitores inscritos nas listas eleitorais.

Concha – Não pode ser...

Manolo – As eleições serão organizadas pela Loteria Nacional...

Chris – Que dia é hoje?

Concha – Não sei...

Toni – Será que é primeiro de abril?

Chris – Estamos a dois, certo?

Concha – Tens a certeza de que não é o jornal de ontem?

Manolo verifica o jornal.

Manolo – Se estamos a dois, então estou a ler o jornal de amanhã.

Toni – De amanhã?

Manolo (*mostrando a capa*) – Três de abril, está aqui escrito.

Momento de confusão.

Chris – Se os políticos já não querem governar, para onde vamos?

Toni – Já não sabem o que inventar...

Manolo – Realmente, acham que somos estúpidos.

Concha – Deviam estar contentes! Vocês sabem o que é preciso para salvar a pátria...

Chris – Isso é certo...

Toni – Claro...

Manolo – De qualquer forma, não é provável que seja um de nós.

Concha – Por que não? Com um pouco de sorte. Mesmo na loteria, há quem tire o número vencedor.

Toni – Duvido.

Concha – Por que não?

Chris – Porque tudo isso é manipulado!

Toni – Claro. Mais uma burla...

Manolo – Quem for escolhido vai acabar por ser um milionário, vais ver.

Chris – Não sejamos ingénuos. Tudo isto está arranjado de antemão.

Concha – Achas mesmo?

Toni – Claro!

Chris – Vamos, Concha, serve-nos a segunda dose, assim ficamos completamente imunizados.

Toni – Sim, eu também. Ainda me sinto um pouco vulnerável...

Chris – Com todas essas variantes que nos invadem – os chineses, os indianos, os brasileiros...

Manolo – Os africanos...

Toni – Os ingleses...

Concha – Os extremenhos...

Chris – Estás a falar de mim?

Manolo – És da Extremadura, és?

Chris – Sou da Extremadura por parte da minha mãe.

Toni – E andaluz por parte de um amigo do pai dele.

Concha enche os copos.

Concha – Aqui tens...

Manolo – Cerveja é bom para tudo.

Chris – Deveria ser reembolsada pela Segurança Social.

Concha – Sim, mas mesmo assim, têm que pagar a conta deles...

Manolo volta a olhar para o jornal.

Manolo (para Concha) – O que achas tu?

Concha – Oh, não... Eu não me meto em política.

Manolo – Estou a falar-te da data de hoje! Que dia é?

Concha – Espera, deixa-me pensar... Ontem foi o primeiro, certo?

Toni – Então, hoje seria o dois.

Chris – E será mesmo o jornal de amanhã?

Toni – Esperemos... Ainda não comprei o meu bilhete da lotaria hoje. Qual é a combinação vencedora?

Manolo coloca o jornal no balcão. Concha dá uma olhada.

Concha – Olha, o Conselho Geral vai oferecer-nos uma composteira.

Toni – Uma composteira? Para quê?

Concha – Para salvar o planeta, pelo visto.

Manolo – Uma composteira... Acham que somos tolos, digo-te...

Concha – Sim... E às vezes pergunto-me se não têm razão.

Toni (para Chris) – Tu tens uma composteira?

Chris – Tenho um monte de lixo no fundo do jardim.

Manolo – Na nossa época, um compostor era chamado de monte de lixo.

Toni – É verdade... Antes, em cada família havia um monte de lixo.

Chris (solenemente) – A família é onde há um monte de lixo.

Manolo – Sempre houve montes de lixo por todo o lado.

Toni – Um galo num monte de estrume. Até é o símbolo da França.

Chris – E os Franceses não salvaram o planeta com isso...

Concha – Estávamos à espera que tu disseses isso, certamente... Não me disseste da última vez que ouvias vozes?

Manolo – Chama-se zumbido nos ouvidos, não disse vozes. Joana d'Arc não ouvia zumbido nos ouvidos, ouvia?

Concha – Quem sabe...

Chris pega no jornal e verifica.

Chris – Então não é uma piada? Eles vão mesmo sortear o próximo Presidente da República?

Toni – Consegues imaginar? Se me calhasse a mim...

Manolo – De qualquer forma, se eu fosse presidente, posso-te dizer que saberia o que fazer.

Chris – Eu também.

Toni – Sim...

Manolo – Com tudo o que estamos a ver agora.

Chris – Claro.

Toni – São sempre os mesmos que causam problemas.

Manolo – Sabemos quem são e não fazemos nada.

Um momento de silêncio.

Concha – Quem são?

Manolo – Quem o quê quem?

Concha – Quem está a causar problemas? Disseste que sabias quem era. Bem, diz-nos, já que és tão esperto.

Manolo – Sim, bom... Eu entendo-me...

Concha – Eu não entendo. Podes ser mais claro?

Manolo – Depois chamam-me de... (*para os enterradores*) Vocês sabem de quem estou a falar, não sabem?

Toni – Claro... Cada vez são mais...

Concha – Está bem... E há muitos por aqui?

Manolo – Aqui, não, mas...

Chris – Ainda não.

Concha – Se continuarmos assim, aqui não vai sobrar ninguém. Os velhos morrem. Os jovens vão embora. Nem os refugiados querem viver aqui...

Manolo – Os refugiados...

Toni – Logo seremos nós os refugiados. Quando acabarmos de enterrar todos.

Chris – Refugiados do êxodo rural, da deslocalização...

Uma pausa.

Manolo – O que precisamos é uma boa guerra.

Toni – Isso faria todos concordarem.

Chris – E reativaria a economia.

Toni – Sem mencionar a ciência. As maiores descobertas foram feitas em tempos de guerra, toda a gente sabe disso. A penicilina, a bomba atômica, o micro-ondas, o preservativo...

Manolo – O preservativo? Tens a certeza?

Toni – Acho que sim.

Concha – E, claro, vocês vão fazer essa guerra...?

Manolo – Por que não?

Concha – Tu nem sequer fizeste serviço militar!

Manolo – Sim, bem... Já estamos velhos demais, de qualquer forma...

Chris – Deixemos isso para os jovens.

Toni – Isso vai ensiná-los a viver.

Concha – Uma guerra... Contra quem, primeiro?

Chris – Esse é o problema da Europa, minha pobre Concha. Agora já não temos ninguém por perto para lutar.

Toni – A amizade franco-alemã, é só o que dizem.

Chris – E depois, fora da Europa, é longe demais.

Manolo – Já não temos recursos, é claro...

Chris – Nos tempos da grandeza do nosso país, tínhamos guerras mundiais. Depois, tivemos que nos contentar com guerras coloniais...

Manolo – E agora, mal conseguimos mandar o exército patrulhar as nossas ruas...

Chris – Assim, naturalmente, todos esses soldados acabam por se aborrecer...

Manolo – E tanto se aborrecem que começam a ficar impacientes.

Uma pausa.

Toni – Ou uma boa guerra civil.

Manolo – Sim... Um golpe militar.

Chris – Um golpe de estado.

Toni – Um promun... Um pronun...

Concha – Um pronunciamento.

Toni – Isso... Um pronunciamento... Não é fácil de pronunciar...

Concha – Uma ditadura? É isso que querem...?

Manolo – Não exageres...

Toni – Talvez não uma ditadura, mas...

Chris – Olha para Franco. Todos o chamavam de ditador. E quando chegava agosto, todos iam de férias para a Costa Brava.

Toni – Bem... Então, com certeza, em Espanha não estávamos tão mal assim.

Manolo – Sim...

Concha – Mas os teus pais, durante a Guerra Civil, atravessaram os Pirenéus a pé pela neve para se refugiarem em França. Não é verdade?

Manolo – Sim...

Concha – Por que não foram de férias para a Costa Brava em vez disso? Enquanto isso, vamos esperar até passar...

Manolo parece não saber o que responder.

Toni – Sim, bem... Tudo isso é política e tal...

Chris – E nunca teremos voz nem voto, de qualquer forma.

Manolo – São sempre os mesmos que enchem os bolsos, sim.

Toni – E agora nem sequer querem sujar as mãos. A Loteria Nacional, mas o que é isso?

Eles bebem seus copos. Silêncio.

Chris – Que bando de tolos, juro-te...

Novo silêncio desconfortável.

Manolo – Vamos, serve-nos outra, Concha. Eu convidado...

Concha enche os copos. Eles bebem em silêncio.

Toni – Os políticos são como os vírus. Quando terminas com uma variante, muta e torna-se outra a dominante.

Chris – Com eles, nunca tens fim.

Manolo – Como as baratas.

Chris – Eu já não voto de qualquer jeito.

Manolo – Eu também não.

Toni – Agora, apenas um em cada dez eleitores vai votar. E as pessoas nem querem ouvir falar do voto obrigatório.

Manolo – Por isso decidiram sortear o próximo presidente. Nesta altura...

Um momento de pausa.

Concha – E tu, o que farias então?

Manolo – O quê?

Concha – Disseste que se fosses presidente, saberias o que fazer. Então, o que farias?

Manolo não sabe o que dizer.

Chris – Oh, não é complicado.

Toni – Para começar, haveria que...

Pausa.

Manolo – Há tantas coisas a fazer... Nem saberíamos por onde começar, não é?

Concha – Sim, mas qual seria a primeira coisa que farias?

Manolo – Bem... começaria por eliminar as rotundas, digo-vos.

Toni – Rotundas?

Manolo – Rotundas, sim! Antes, não havia rotundas, e não precisávamos delas, certo?

Chris – Sim...

Manolo – Lembrem-se, quando éramos jovens, não havia rotundas, certo?

Toni – Não, é verdade.

Manolo – Eu, pessoalmente, até aos vinte anos, nunca tinha visto uma rotunda na minha vida. E vocês?

Chris – A primeira rotunda que vi foi quando fui à capital. Nunca tinha visto uma antes.

Toni – Uma rotunda, fomos à capital para ver isso, como se fôssemos ver a Torre Eiffel.

Chris – Além disso, acho que era a única rotunda que havia no país naquela época.

Manolo – De qualquer forma, por aqui não havia nenhuma.

Toni – Nenhuma, é verdade.

Chris – E depois, aos poucos, a partir da capital, começaram a inundar todo o país com rotundas.

Toni – Agora, em cada vila, há uma igreja e uma rotunda.

Chris – A rotunda é o símbolo do centralismo que oprime este país.

Manolo – Estamos cercados de rotundas, digo-vos! Ou não é verdade?

Toni – Sim, é verdade.

Manolo – E com que dinheiro são construídas estas rotundas?

Chris – Com os nossos impostos.

Toni – Sim.

Manolo – Eu começaria por eliminar as rotundas, e depois, eliminaria os impostos.

Chris – Ah, sim, isso não é tolice...

Manolo – Nos fazer pagar por rotundas para nos fazer andar em círculos. Qual é o sentido?

Toni – Nenhum, tens razão, Manolo.

Concha – E depois, nas rotundas, sempre há um grupo de idiotas que se põe no meio para queimar pneus.

Manolo – Eu elimino as rotundas, elimino os impostos e elimino o Estado.

Chris – Sim...

Silêncio.

Concha – Talvez não o Estado, pelo menos... Senão, quem vai pagar as vossas pensões?

Toni – Bem, não é por nada, mas enquanto esperamos pela reforma, temos que ir trabalhar.

Concha – Espero que não vos façam soprar no etilómetro.

Chris – Nenhum risco. Alguma vez viste um polícia parar um carro funerário?

Manolo – E também não são os clientes que transportam que vão reclamar.

Toni – Os que transportamos, não, mas a família... Na semana passada, ao sair daqui, aquele idiota deixou a porta traseira do carro funerário aberta.

Manolo – E então?

Toni – Perdemos o caixão numa curva.

Manolo – Ah, merda...

Chris – Só nos apercebemos quando chegámos ao cemitério.

Manolo – E então?

Toni – Voltámos para o procurar. Ele tinha rolado para uma valeta. Justo numa rotunda.

Chris – O cadáver estava bem.

Toni – Mas, claro, o caixão estava um pouco danificado...

Concha – E a família? Devem ter ficado encantados...

Chris – Por sorte, tínhamos uma bandeira no porta-malas.

Toni – Uma bandeira que tínhamos "pedido emprestado" da Câmara Municipal.

Concha – "Pedido emprestado"? Para quê?

Chris – Para o jogo de sábado!

Manolo – Ah, sim...

Toni – Estendemo-la sobre o caixão no lugar da tampa. Eles nem notaram.

Chris – Foi uma cremação.

Toni – A família ficou um pouco surpreendida, claro. O falecido era um alemão com uma casa de campo por aqui...

Chris – Cantámos o hino nacional, e passou tudo como se fosse uma carta pelo correio.

Toni – Isso é algo que aprendi no trabalho. Quando não sabes o que dizer, cantas o hino nacional, e todos concordam.

Concha – Bom... Quando me transportarem a mim, ao menos tentem estar sóbrios.

Chris – Está prometido.

Chris e Toni terminam suas bebidas.

Toni – Vamos, o dever chama-nos.

Chris – Voltaremos mais tarde para o aperitivo.

Eles saem.

Manolo – Uma bandeira... Juro-te... Como é que chegámos a este ponto?

Concha – O que queres dizer com isso?

Manolo pensa por um momento, mas não sabe o que responder.

Manolo – Está tranquilo esta manhã, não está?

Concha – A calma antes da tempestade...

Manolo – Por que dizes isso?

Concha – É só uma expressão, não é?

Manolo – Bom, nunca vimos muitas tempestades por aqui.

Concha – Quem sabe... Com a mudança climática...

Um jovem e uma jovem, Fred e Alex, chegam. Estes personagens podem ser interpretados pelos mesmos atores que interpretaram Nat e Luca antes, ou por outros. Se forem os mesmos atores, voltam quase irreconhecíveis. Estão vestidos e penteados com uma elegância muito convencional. Ele com um fato e ela com um tailleur. Ela está maquiada e ele possivelmente usa bigode, barba e/ou óculos de sol. Parecem dez anos mais velhos que Nat e Luca. Cumprimentam os donos com um gesto de cabeça e sentam-se numa mesa.

Manolo – Nunca vimos estes dois por aqui...

Concha – Devem ser turistas.

Manolo – Turistas, por aqui? Seria a primeira vez.

Concha – Devem estar fartos da Costa Brava.

Manolo – O único estrangeiro que havia aqui era aquele alemão que enterraram na semana passada.

Os dois recém-chegados conversam entre eles com uma atitude conspiradora, mas suficientemente alto para que os donos os ouçam.

Fred – Então é aqui...

Alex – Pelo visto. *(Olhando para um papel)* Depois da rotunda, o Bar Manolo, em frente à igreja. De qualquer forma, não há outros bares na vila.

Alex passa o papel para Fred, que o pega.

Fred *(olhando para o papel)* – Senhor Manolo Sanchez... *(Olhando para o bar)* Achas que é ele?

Alex – Temo que sim...

Fred – Tem cara de vencedor.

Alex – Para ver que o acaso nem sempre acerta.

Fred – E dizem que ele não sabe nada?

Alex – Ninguém sabe ainda. Será anunciado amanhã. *(Olhando pela janela)* Mas parece que houve vazamentos. A televisão já está aqui...

Fred – Vai ser um choque para ele.

Alex – Com certeza...

O telefone de Fred toca, e ele atende a chamada.

Fred – Sim, senhor Presidente... Sim, ele está bem à minha frente neste momento... Se ele tem o perfil adequado para o cargo? Meu Deus, mais parece ter cara de... Bem, teria de o ver vestido normalmente... Quero dizer, com um fato ou... Não, ainda não lhe disse... Está bem, senhor Presidente... Sim, tem razão, o presidente cessante... Ok, vou deixá-lo fazer as malas...

Manolo e Concha, que ouviram partes da conversa, trocam um olhar intrigado.

Alex – E então?

Fred – Não há volta a dar... Temos que lhe dizer...

Levantam-se das cadeiras.

Concha – Vais ver o que eles querem?

Manolo está prestes a tomar o pedido, mas também olha pela janela.

Manolo – Que carro é aquele lá fora...?

Concha também olha.

Concha – Parece um carro de televisão...

Manolo, perplexo, vira-se para os dois clientes.

Manolo – O que querem pedir?

Fred – Boa tarde, senhor. O senhor é o Manolo Sanchez?

Manolo – Sim... Porquê?

Alex – Era melhor que se sentasse, senhor Sanchez.

Manolo – Eu não costumo sentar-me com os clientes.

Fred – Sugiro que o faça de qualquer forma.

Alex – Nós viemos trazer-lhe boas notícias.

Manolo – Boas notícias? Ah, certo... Concha! São as Testemunhas de Jeová, vai buscar a espingarda...

Concha sai.

Fred – Não pertencemos a nenhuma seita, senhor Sanchez. Estamos mandatados pelo Governo da República.

Manolo (*preocupado*) – A República...? É das Finanças?

Alex – Calma, não viemos para uma auditoria fiscal. Estamos mais para lhe oferecer algo.

Manolo – Oferecer-me algo?

Fred – Uma cadeira, senhor Sanchez.

Manolo – Já disse que não queria sentar-me.

Alex – A cadeira do Presidente da República.

Manolo, obviamente, está desconcertado.

Manolo – Isto é para um programa de câmaras ocultas, ou quê?

Fred – Não, nada disso, senhor Sanchez.

Alex – Garanto-lhe que não é uma piada.

Fred – Já viu o carro de televisão lá fora?

Manolo olha mais uma vez pela janela do café.

Alex – É só o primeiro que chegou. Mas dentro de uma hora haverá dez, ou até mesmo cem.

Fred – Estão aqui por causa do senhor, senhor Sanchez.

Manolo – Por minha causa?

Alex – Para captar as suas primeiras reações após o anúncio da sua vitória eleitoral.

Manolo – Que vitória?

Fred – Senhor Sanchez, anuncio-lhe oficialmente que foi designado pela Loteria Nacional para ser o novo Presidente da República.

Alex – Sim, senhor Sanchez, foi o escolhido pelo destino para salvar a pátria.

Manolo – Não pode ser...?

Fred – Receio que sim...

Manolo – Acho que vou finalmente sentar-me.

Deixa-se cair numa cadeira, atordado.

Alex – Compreendemos perfeitamente que esta nomeação o tenha surpreendido um pouco.

Manolo – Um pouco...?

Fred – Mas não se preocupe, não se mudará para o Palácio Presidencial imediatamente.

Luca – Durante alguns dias, continuará a ser apenas o presidente eleito...

Alex – O presidente cessante gerirá os assuntos correntes enquanto aguarda a transição do poder.

Manolo – Alguns dias, disse...? Quantos?

Fred – Digamos... umas duas semanas.

Alex – Vai dar-lhe tempo para se habituar à ideia.

Manolo – Claro...

Concha regressa com uma espingarda.

Concha – O que é que se passa aqui?

Manolo – Concha, ganhámos o primeiro prémio. Estas pessoas são da Lotaria Nacional...

Concha – Não... (*Deixa a espingarda*) Quanto é que ganhámos?

Fred – Não se trata de dinheiro, querida senhora.

Concha – A Lotaria Nacional...? E então, do que é que se trata?

Alex – Somos responsáveis pela eleição presidencial por sorteio aleatório.

Fred – O seu marido é o sortudo vencedor, querida senhora. É o nosso futuro presidente.

Concha – Mas... nem sequer jogámos!

Alex – Neste jogo, querida senhora, todos são candidatos. Basta estar registado nos cadernos eleitorais.

Concha – Então tu és o novo presidente, meu Manolo.

Manolo – Esperem, eu não disse que sim...

Fred – Ah, mas não pode dizer que não.

Manolo – Como assim?

Alex – Não tem o direito de se recusar. É como num júri de julgamento.

Fred – É a lei, estimado senhor. Não pode recusar esta nomeação.

Concha – Mas, Manolo, porque dirias que não?

Manolo – Não, mas... imaginas-me como Presidente da República?

Concha – Tens uma opinião sobre tudo. E estás sempre a dizer – se eu fosse presidente, não seria tão complicado...

Manolo – Sim...

Alex – Bem, agora pode pôr em prática o seu programa, senhor Sanchez.

Concha – Manolo, sempre soube que estavas destinado a algo grande...

Manolo – Bem, já que não tenho escolha... Mas, o que é que eu faço agora?

Fred – Enquanto espera assumir o cargo, pode começar as consultas para a formação do seu governo.

Manolo – O meu governo?

Alex – Não vai governar sozinho. Estamos numa democracia, afinal de contas.

Fred – Uma democracia incerta, sim, mas uma democracia mesmo assim.

Alex – Terá que escolher os seus ministros.

Concha – Podias pedir aos coveiros...

Fred – Aos coveiros...?

Concha – Ao presidente da câmara da vila e ao seu adjunto. Eles concordam com o Manolo sobre as rotundas. São pessoas simples, mas pelo menos são honestas. Embora, claro, deviam pagar as suas contas, mas enfim...

Fred – Muito bem... Vamos dar-vos algum tempo para assimilar tudo isto e refletir, não?

Manolo – Refletir? Não estou muito habituado... Refletir sobre o quê?

Alex – A política que pensa implementar!

Fred – A pátria conta consigo, senhor Presidente!

Concha – Ouviste isso, Manolo? A pátria conta contigo!

Alex – Vamos deixá-lo celebrar esta brilhante vitória eleitoral com os seus seguidores mais fervorosos. Um carro oficial virá buscá-lo amanhã para levá-lo ao Palácio Presidencial.

Concha – Ao Palácio Presidencial?

Fred – O presidente cessante está ansioso por conhecê-lo o mais rápido possível para preparar a transição do poder.

Alex – E, de passagem, para lhe dar o código da mala, claro...

Concha – Ah, mas já temos uma mala.

Manolo – Sim, sim, temos uma mala... Uma com rodinhas. Não é, Concha? Comprámo-la para irmos de férias para a Costa Brava, precisamente...

Concha – Foi a primeira vez que apanhámos um avião, lembra-te?

Manolo – Na verdade, não voltámos a apanhar desde então.

Concha – E o código da mala, bem...

Manolo – É a minha data de nascimento, não é? Ou a tua, não me lembro...

Fred – Estava a falar da mala nuclear, senhor Sanchez...

Manolo – Claro, a mala nuclear...

Concha – Queres dizer... a bomba atómica?

Fred – Como Presidente, caro senhor, também é o comandante supremo das forças armadas. Tem o poder de iniciar uma guerra. Mesmo uma guerra nuclear... Bem... só em caso de ser absolutamente necessário, claro.

Concha – Que conveniente... Na verdade, o meu marido tem algumas ideias sobre isso. Não é, Manolo?

Manolo – Eu...?

Concha – Há pouco disseste que o que precisávamos era uma boa guerra...

Alex – Em todo caso, querida senhora, da próxima vez que apanharem um avião, será o Avião Presidencial.

Fred – Além disso, terá de pensar para que país reservará a sua primeira visita oficial como presidente.

Concha – O que achas das Ilhas Canárias, Manolo?

Manolo – As Ilhas Canárias são um país?

Alex – Ainda não... Mas, por enquanto, vamos deixá-lo para responder às perguntas da imprensa...

Fred – Tenho a certeza de que estão ansiosos para ouvir detalhes sobre a política que planeia seguir.

Alex – Em particular, no que se refere às relações exteriores...

Fred – Dê algumas diretrizes, sem entrar em demasiados detalhes. Organizaremos uma conferência de imprensa depois da sua tomada de posse oficial.

Alex – Senhor Presidente... Senhora Primeira-Dama...

Saem.

Concha – Percebes, Manolo? Finalmente vais poder pôr em prática o teu programa!

Manolo – Eu tenho um programa?

Concha – Todas as grandes ideias que tens para salvar o país da decadência!

Manolo – Ah, isso, claro...

Entram dois jornalistas, que podem ser interpretados pelo mesmo duo que interpretou os coveiros anteriormente, mas suficientemente transformados para parecerem muito diferentes, se não irreconhecíveis.

Max – Senhor Sanchez, senhora... Poderiam reservar as suas primeiras declarações para o nosso canal de notícias 24 horas?

Sam – Não os manteremos por muito tempo, fiquem tranquilos. Sabemos que agora o seu tempo é muito valioso...

Manolo – Sim, bem...

Concha – Claro! Com prazer!

Max estende um microfone para Manolo.

Max – Senhor Presidente, é a sua vez... (*Manolo permanece em silêncio*). Fale bem para o microfone, não o ouço...

Manolo parece muito desconfortável.

Concha – Vamos, Manolo, diz alguma coisa!

Manolo – Bem, é que... Não preparei nada, claro...

Sam – Então fica sem palavras... o que, concordará, não é algo comum para alguém que acabou de ser eleito.

Manolo – Sim, bem, eleito... Foi o acaso, não foi? Não é como se tivesse ganho a lotaria. Pelo menos aí seria eu que teria escolhido os números corretos...

Max – Não seja tão modesto, Senhor Sanchez. Como disse o poeta – não há coincidências, apenas encontros.

Sam – Teve um encontro com o país, isso é evidente.

Concha – Mas vá lá, Manolo! Por trás do teu balcão, sabes sempre o que dizer sobre todos os temas! Agora que tens um microfone...

Max – Entendemos perfeitamente que não tenha tido tempo para afinar o seu programa, mas ao menos, pode dizer aos nossos telespectadores qual será a primeira medida simbólica que tomará como presidente?

Manolo – Simbólica?

Sam – O país está a ouvi-lo, Senhor Sanchez.

Concha – Acho que é hora de falar sobre as rotundas... (*Manolo obviamente não sabe o que dizer.*) Mas vá lá, Manolo, diz-lhes!

Manolo – Que chata que és! Diz tu!

Max – Senhora Primeira-Dama...?

Concha – O meu marido quer eliminar as rotundas, os impostos e o Estado.

Sam – Eliminar o Estado?

Concha – E também... restabelecer o serviço militar obrigatório, chamar um golpe de Estado e declarar guerra à Alemanha...

Max – Um golpe de Estado...? Para derrubar-se a si mesmo, então...

Concha – Como assim, a si mesmo...?

Sam – Porque já será Presidente da República.

Concha – Ah, sim, Manolo... Não tinhas pensado nisso...

Manolo – Mas era apenas uma ideia inicial. Pode-se ajustar um pouco. E quando disse Alemanha... poderia ser também Mónaco, Andorra ou Bielorrússia.

Concha – Ah, sim, a fábrica de pneus! Isso é um verdadeiro tema, não é?

Max – Uma fábrica de pneus?

Concha – Tínhamos uma fábrica de pneus por aqui. Fechou há uns dez anos. Transferiram-na.

Sam – Para Mónaco?

Manolo – À Bielorrússia.

Concha – Claro, tudo isso não é bom para os negócios.

Sam – Para o saldo comercial do país, quer dizer?

Manolo – Sim, e especialmente para a faturação do bar.

Concha – Os trabalhadores, claro, bebem muito. Também fumam. Gastam seu salário mínimo em raspadinhas.

Manolo – Para um bar-tabaco, são bons clientes. Num momento, pensei em contratar umas garotas para... Vocês sabem... Mas minha esposa não gostava muito da ideia... E depois na vila, só restavam idosas... Depois houve a greve, e a fábrica fechou...

Concha – Falando em greve, você que é da televisão, sabe por que os trabalhadores em greve sempre queimam pneus, especialmente quando há câmeras?

Max – Bem, não...

Concha – Eu, como Primeira-Dama, proibiria queimar pneus em caso de greve. Francamente, para que serve? E além disso, polui, não é?

Sam – Entendi... Então, a Primeira-Dama estará muito atenta à dimensão ecológica deste novo governo.

Max – Estou certo de que nossos telespectadores também estarão muito interessados no aspecto feminista do seu programa.

Sam – Concordariam em vir apresentá-lo ao vivo no ar?

Concha – Realmente vamos aparecer na televisão?

Max – A partir desta noite, estimada senhora. Se estiverem de acordo, aparecerão no noticiário das 20 horas.

Concha – Que maravilha! Não é, Manolo?

Manolo – Sim... Sim, é... É maravilhoso.

Sam – Então está decidido. Um carro virá buscá-los por volta das 19 horas. Ou melhor, às 18 horas... *(Para Alex)* Será necessário um pouco de trabalho para as maquiadoras...

Estão prestes a sair. Max se vira uma última vez para Manolo.

Max – Um pequeno conselho, no entanto...

Manolo – O quê...?

Max – Hoje é primeiro de abril, Senhor Sánchez. Em quinze dias, estará no Palácio Presidencial. Compre um terno novo... Preferencialmente escuro. Ficarà melhor na tela...

Sam – Quanto à Primeira-Dama... Não sei... Só tem que seguir o exemplo da Rainha da Inglaterra.

Saem. Manolo e Concha ficam pensativos por um momento.

Concha – Então estamos no primeiro de abril...

Manolo olha para ela, desconcertado.

Preto.

Luz.

Concha limpa copos atrás do balcão. Manolo, num terno um pouco apertado para ele, dá uma olhada discreta para a vitrine.

Manolo – Que horas são?

Concha – São sete. Por quê?

Manolo – Por nada.

Concha – Eles não virão, te digo. Foi uma brincadeira do Dia da Mentira.

Manolo – Mas sim, eu sei! Achas mesmo que sou burro?

Concha – Então por que vestiste o terno?

Manolo – E se eu tiver vontade de vestir um terno de vez em quando? Sempre me criticas por me vestir mal...

Concha – Teu terno de casamento?

Manolo – Só tenho este...

Concha – Bem... Então evita agachar-te, pelo menos...

Manolo – Eu, pelo menos, ainda consigo entrar.

Concha – O que disseste aí?

Manolo – Nada...

Concha – Melhor. Lembra daquela mulher que matou o marido porque ele era desagradável com ela. Tenho tudo o que é preciso em casa, te aviso. Espingarda, motosserra, soda cáustica...

Manolo – Temos soda cáustica em casa?

Chris e Toni entram.

Chris – Senhor Presidente... Senhora Primeira-Dama...

Toni – Vestiste teu belo terno, Manolo?

Manolo – Sim, bem, está bem...

Chris – Ouvimos que estás consultando para formar teu governo, então viemos por via das dúvidas...

Toni – Afinal, já somos funcionários locais. E fomos eleitos na primeira volta... Sei que não havia outros candidatos, mas mesmo assim.

Chris – Em todo o caso, também temos ideias para endireitar o país. Não é verdade?

Toni – Claro!

Chris – Se a carteira das Finanças estiver livre e bem recheada, eu fico com ela, e tu?

Toni – Eu... talvez me veja como Ministra do Interior.

Concha – Para quê?

Toni – Para cancelar as minhas multas, claro. Imagina só: és parado por excesso de velocidade, completamente bêbado, mostras o teu cartão tricolor. Ei, pessoal, calma aí. Eu é que mando aqui.

Chris – Mas, ouve lá, Manolo... O fato encolheu ou tu engordaste um pouco...?

Concha – A cabeça dele inchou, isso é certo.

Manolo – Até tu te juntas a isto?

Concha – Ora, não tens do que te queixar. O fato presidencial provavelmente seria demasiado grande para ti, de qualquer forma.

Chris – Bom, fazer o quê, não é? Ficamos com as nossas rotundas, e pronto.

Manolo – Não vou rebaixar-me para te responder.

Concha – Ainda assim, pergunto-me quem é que nos pregou esta partida.

Toni – Sim, eu também...

Chris – E tu que estavas disposto a sacrificar-te pela pátria... Ela não te quis, olha só.

Manolo – Bem, não é tudo, mas isto é um bar. Se quiserem ficar, têm de consumir.

Concha – Então, coveiros? O que vão querer? Uma cervejinha?

Toni – Melhor dar-me um aguardente. Estou com um pouco de dor de estômago...

Chris – Para mim, o de sempre. Uma cervejinha.

Concha serve-os.

Toni – Uma pena. Eu acho que era uma boa ideia, na verdade.

Chris – Milhões de candidatos à presidência... 100% de participação... Sem campanha eleitoral...

Toni – Agora, com as redes sociais, todos têm ideias para salvar o mundo. Seja política internacional ou pesquisa médica... Toda a gente é especialista em tudo.

Concha – E então?

Chris – Então escolhes um ao acaso, colocas no Palácio Presidencial para implementar o seu programa. E se não funcionar, fuzila-se no final do mandato.

Toni – Provavelmente haveria menos "especialistas", isso é certo... Sabiam que uma barata pode continuar viva mesmo depois de lhe cortarem a cabeça?

Manolo – Como sabes isso? Já cortaste a cabeça a uma barata?

Toni – Estava no jornal, na seção de ciências.

Manolo – Se estava no jornal, então...

Concha – Sim, bem... Antes das redes sociais, já era a mesma coisa, não era? Sempre havia um tolo a dar a sua opinião sobre qualquer tema...

Chris – Ah, sim? Onde?

Concha – No balcão de um bar, por exemplo...

Manolo – Pelo menos não saía dos limites da vila.

Toni dá uma olhada no jornal.

Toni – Então, quais são as notícias de hoje? A menos que seja o jornal de amanhã...

Chris – O que achas, Manolo? É o jornal de hoje?

Manolo – Não, é o da semana que vem, tolo.

Concha – Querias ver os resultados da lotaria política?

Toni – Prefiro ler a seção de obituários. Para planejar o meu dia...

Vira as páginas do jornal.

Concha – E então, os negócios vão bem?

Toni – Olha, o novo decano já esticou as pernas.

Concha – Fazer o quê... Ser decano não é uma profissão com muito futuro.

Toni – De qualquer forma, o posto está livre, se alguém estiver interessado...

Concha – E além disso?

Toni – Além disso, tudo está como sempre.

Chris – Temos que admitir que essa vacina vai causar problemas para as funerárias, isso é certo...

Concha – São vítimas colaterais, como se costuma dizer.

Toni – A sério? Não pode ser... *(Para Chris)* Olha isto!

Ela passa o jornal para Chris, que o examina.

Chris – Onde?

Toni – Aí!

Chris – Não é possível...

Manolo – O que é que se passa agora?

Chris – Não vais gostar, Manolo...

Manolo – Diz na mesma.

Toni – O teu nome está na seção de obituários!

Manolo – Vocês começam a irritar-me...

Chris – Juro! Manolo Sanchez, olha tu mesmo!

Concha – Deve ser um homônimo. Há muitos Sanchez por aí...

Toni pega o jornal.

Toni *(lendo)* – Concha, a esposa, Kimberley, a filha, lamentam anunciar o falecimento de Manolo Sanchez, aos 63 anos, falecido prematuramente num acidente de parapente. A cremação terá lugar...

Chris – É bastante específico.

Manolo – Não podem parar com as vossas tolices por cinco minutos?

Toni passa o jornal para Manolo.

Toni – Mas estou a dizer que está mesmo aqui escrito. Tem de ser verdade porque está no jornal!

Manolo olha para o jornal.

Manolo – O que é isto agora...?

Concha olha por cima do ombro de Manolo.

Concha – Não pode ser... Alguém quer-nos fazer mal, ou o quê...?

Chris – Ontem presidente, hoje falecido...

Toni – O mandato mais curto da história da nossa República.

Chris – Mais um pouco e terias tido um funeral nacional...

Concha – Deixa-me ver... (*Olha para o jornal.*) Ora, pois é... Dizem que estás morto, Manolo.

Manolo – Como dizias antes, talvez seja alguém que se chama como eu... Um homónimo.

Concha – Não é o único idiota que se chama Sanchez, isso é certo.

Chris – Sim, mas Manolo Sanchez com uma esposa chamada Concha e uma filha chamada Kimberley...

Toni – A tua filha chama-se Kimberley?

Manolo – Sim. (*Pega no jornal e lê de novo o anúncio.*) Concha, a esposa, Kimberley, a filha, lamentam anunciar o falecimento de Manolo Sanchez, aos 63 anos, falecido prematuramente num acidente de parapente. A cremação terá lugar...

Concha – E tu tens 63 anos.

Manolo – Sim...

Chris – Tudo coincide...

Manolo – Num acidente de parapente...? Como dizes, tudo coincide...

Toni – Fazes parapente?

Manolo – Sim, claro. Sobretudo à noite. De manhã, prefiro o surf ou o jet ski.

Chris – A sério...?

Manolo – Claro, idiotas, não faço parapente! Nem sequer sei o que é isso!

Concha – O que é o parapente?

Toni – É como uma asa que colocas nas costas. Atiras-te ao vazio do alto de um penhasco e planas até embaixo.

Concha – Ah, sim, consigo ver muito bem o meu Manolo a fazer isso...

Chris – É verdade que deve ser perigoso.

Toni – Não admira que haja acidentes. Até mortos...

Manolo – Mas eu já disse que não faço parapente...

Concha – Ele já tem dificuldade em descer as escadas de manhã, especialmente se tomou uns copos a mais na noite anterior. Por isso, atirar-se do alto de um penhasco com uma asa nas costas e planear até embaixo...

Chris – Mesmo assim – Concha, a esposa, Kimberley, a filha, lamentam anunciar...

Toni – Não pode ser coincidência.

Concha – E se não é coincidência, o que é?

Manolo – Não sei...

Chris – Como diz o poeta – não há coincidências, só encontros.

Toni – Tens a certeza de que é isso que o poeta diz?

Chris – Não é isso que ele diz? Concha, tu sabes?

Concha – Quem?

Chris – O poeta!

Concha – O poeta...?

Toni – E que poeta, para começar?

Concha – Mas tu estás bem?

Manolo – Por que não estaria bem?

Concha – Bem... Como dizem que estás morto...

Toni – Mas vês que não estou morto!

Concha – Não sei...

Chris – Não há fumo sem fogo, isso é certo...

Toni – Especialmente quando se trata de uma cremação.

Silêncio.

Manolo – Se eu estivesse morto, acho que teria percebido, não?

Concha – E além disso, num acidente de parapente...

Chris – Não é algo que se faz sem dar por isso, isso é certo.

Toni – Ou talvez sejas sonâmbulo.

Manolo – Sonâmbulo?

Chris – Às vezes, quando és sonâmbulo, fazes coisas à noite das quais não te lembras no dia seguinte.

Toni (*para Concha*) – O Manolo é sonâmbulo?

Concha – Ressona, sim, mas sonâmbulo... Quanto a fazer coisas à noite das quais ele prefere não se lembrar na manhã seguinte... Além de quando passa a noite a beber convosco...

Manolo – Mas, conheces muitos sonâmbulos que façam parapente durante a noite?

Uma pausa.

Chris – E já fizeste esqui aquático alguma vez?

Manolo – E o que é que isso tem a ver?

Chris – Não sei... Concha, serve-nos mais uma rodada, porque estamos a começar a ficar um pouco confusos.

Toni – Sim, isso vai ajudar a clarear as ideias.

Concha enche os copos. Eles bebem. Chris volta a olhar para o jornal.

Chris – Sessenta e três anos, consegues imaginar?

Toni – Não é idade para morrer.

Chris – Como se diz, é mais triste para quem fica.

Toni – Então, em resumo, agora és viúva, minha pobre Concha.

Manolo – Se eu estivesse morto, seriam os primeiros a saber, não? Vocês são coveiros!

Concha – Ou talvez seja outra partida.

Chris – Uma partida?

Toni – Quem faria uma partida assim?

Manolo – Não sei... Talvez os coveiros...

Chris – Mas, Manolo, não vais acreditar que...

Toni – Somos profissionais... Temos um código de ética...

Concha – Então, quem? Restam apenas trinta pessoas na aldeia... e conhecemos todos.

Nat e Luca entram e sentam-se. Desta vez, estão vestidos num estilo mais gótico.

Nat – Senhoras e senhores...

Os outros olham para eles com desconfiança.

Manolo – Estes, por outro lado, não estão cá há muito tempo...

Concha – Achas que poderiam ser eles?

Chris – Na verdade, têm um aspeto meio suspeito, não?

Concha – No entanto, parecem bastante simpáticos...

Manolo – Simpáticos? Parecem vampiros!

Nat e Luca aproximam-se do balcão. Os outros parecem ficar em alerta.

Chris – Cuidado, estão a vir para cá...

Luca – Desculpem... Podemos deixar alguns flyers?

Concha – Flyers? O que é isso?

Nat – Ehm... Folhetos, se preferirem...

Chris – Por que chamam de flyers, se são folhetos?

Toni – Sim, não estamos em Nova Iorque, aqui, não é?

Nat – Não sei... Soa mais moderno...

Luca – Então, podemos deixar alguns folhetos?

Manolo – Depende... Para quê?

Nat – É para um curso de parapente.

Os outros quatro ficam paralisados.

Manolo – Parapente?

Luca – Se estiverem interessados, a primeira aula é grátis.

Nat – Podemos reservar um horário para amanhã, se quiserem.

Concha – Um horário...? Para quê?

Luca – Para um batismo aéreo.

Manolo – Estão a ouvir isso?! Um batismo aéreo!

Chris – Parapente... E a primeira tentativa é grátis, dizem...

Nat – Sim... Embora também ofereçamos bungee jumping.

Luca – Temos amigos que ocupam a antiga fábrica de pneus.

Nat – Eles recolheram muitas câmaras de ar e as transformaram em cordas elásticas.

Concha – Pelo menos, não as queimam.

Luca – Saltar no vazio, assim. Deixar-se levar. Vejam, é realmente uma sensação única.

Nat – Um pouco como saltar de pára-quedas. Sentes-te como um pássaro...

Luca – Bem... mais como um pássaro sem asas... Que cairia como uma pedra...

Nat – Mas é absolutamente seguro, não se preocupem...

Luca – De qualquer forma, até agora, ninguém morreu.

Chris – E já tiveram muitos clientes?

Nat – Para ser sincero... vocês seriam os primeiros.

Concha – Claro... Alguém tem que testar a corda...

Luca – Então, podemos deixar os folhetos? Quer dizer, os flyers...

Manolo – Vou fazer com que engulam esses folhetos!

Toni – Bando de assassinos!

Manolo – Mas que brincadeira é essa?

Nat – Bem, bem... Não se preocupem... Desculpem-nos...

Luca – Podemos pedir dois Coca-Colas?

Concha – Coca-Colas?

Manolo – Saiam daqui antes que eu pegue na minha espingarda!

Nat e Luca saem, desconcertados.

Toni – Parapente...

Chris – Não têm mesmo limites.

Manolo – Se dependesse de mim, mandava todos para o exército, digo-vos.

Chris – Todos para os paraquedistas. Depois de um ano, veríamos se ainda têm vontade de fazer bungee jumping.

Um momento de pausa.

Concha – Alguma vez saltaram de paraquedas?

Toni – De paraquedas?

Chris – Não.

Toni – Por que haveríamos de querer saltar de paraquedas?

Chris – Já nos custa sair da cama de manhã.

Manolo – Vamos, esta rodada fica por minha conta.

Manolo enche os copos. Bebem.

Chris – É verdade que têm um visual bastante estranho.

Concha – Bungee jumping... Não tenho certeza se confiaria neles para um batismo aéreo.

Toni – Sim. Só lhes falta a foice.

Chris – Para cortar a corda...

Manolo – Se os encontrasse à noite numa fábrica abandonada, arrepiavam-me, sim...

Chris – Bem, não é tudo, mas temos um cliente esperando no carro.

Toni – E com este calor...

Concha – É verdade que aqueceu bastante desde esta manhã.

Chris – Vamos, é hora. Vamos lá!

Estão prestes a sair. Toni vira-se uma última vez para o balcão.

Toni – Ah, Concha, tens que passar pela nossa agência em breve.

Concha – Para quê?

Chris – Para a incineração do Manolo. Ainda há alguns papéis para preencher e alguns detalhes para acertar para a cerimônia...

Toni – E todas as nossas condolências, certo?

Saem. Manolo e Concha se olham. Concha dá uma olhada no jornal.

Concha (*lendo*) – A cerimônia será em estrita intimidade... (*Para Manolo*) É daqui a três dias, estás a entender...?

Manolo – Sim.

Concha – O que é que eu vou vestir?

Manolo parece desconcertado.

Preto.

Luz.

O bar está vazio. Por todo o lugar há flores com cartões com diferentes inscrições – "Já sentimos tua falta..." "Nunca te esqueceremos..." "Tua partida deixará um grande vazio..." Entram Nat e Luca, novamente com camisetas. Ao não verem ninguém atrás do balcão, sentam-se numa mesa.

Luca – No final, divertimo-nos bastante nesta aldeia.

Nat – Só é preciso saber como se divertir de forma inteligente...

Luca – Mas talvez devêssemos parar por aqui.

Nat – Oh, também lhes dá um pouco de distração, não achas?

Luca – Tens razão. Eles não têm internet, não usam redes sociais... As fake news, é preciso levá-las diretamente para o balcão, no jornal local...

Luca – Não me digas que já tens outra ideia...

Nat – Boas ideias não surgem assim do nada...

Luca – É verdade que, com a eleição presidencial organizada pela Lotaria Nacional, estabelecemos um padrão bastante alto...

Olham ao redor.

Luca – Não há ninguém, é estranho...

Nat – Onde estarão todos?

Luca – E o que é tudo isto com as flores...?

Nat – Um casamento?

Luca – Quem é que casaria aqui? Só há idosos...

Nat – Ou um funeral...

Luca – Um funeral...?

Concha sai de trás do balcão, como uma mola de uma caixa. Está um pouco arranjada e vestida de preto.

Concha – O que vão querer?

Nat e Luca assustam-se.

Nat – Desculpe, não a tínhamos visto.

Luca – Dois cafés, por favor...

Concha – Ah, desculpe, já desliguei a máquina... Vamos fechar, entendem? Não viram o aviso na porta?

Nat – Não...

Luca – Não faz mal, vamos pedir... duas águas tónicas.

Concha – Só me resta... cerveja.

Nat – Bem, então...

Luca – Duas cervejinhas.

Concha prepara as bebidas.

Nat (para Luca) – Ela não parece vestida para um casamento...

Luca – Não.

Nat (para Concha) – Está tranquilo hoje. O que é que se passa?

Concha – Todos estão na cerimônia. (*Mostra-lhes o jornal local*) Não viram? Está no jornal.

Luca – Não...

Nat – A cerimônia?

Concha – Em homenagem ao Manolo. O discurso do presidente da câmara foi muito comovente. Quase chorei. Mas preferi voltar. Com tudo isto, ainda tenho muitas coisas para arranjar...

Concha coloca os copos numa bandeja.

Luca – Achas que é por...?

Nat – Espero que não...

Concha serve as cervejinhas.

Concha – Aqui têm... Duas cervejinhas...

Nat – Obrigado...

Concha – Talvez sejam as últimas que sirva na vida.

Luca – Lamentamos muito.

Concha – Mas enfim... Não é culpa vossa, não é?

Nat – Não, claro que não...

Concha – Viram todas estas flores? E os cartões que as acompanham. Honestamente, é comovente. (*Lê várias inscrições nas fitas ou cartões.*) "Já sentimos a tua falta..." "Nunca te esqueceremos..." "A tua partida deixará um grande vazio..." (*Com uma lágrima no olho.*) Todos amavam o meu Manolo... Bem, a vida continua... Aproveitem, o tempo passa rápido...

Concha retorna ao balcão.

Nat – Ele não fazia parapente, pois não?

Luca – De onde ele poderia saltar? Aqui não há penhascos. Nem sequer uma colina pequena. Tudo são campos de trigo até onde a vista alcança...

Nat – O montículo mais alto que vi na zona é um monte de pneus. O que é que poderia ter acontecido?

Luca – Não basta anunciar a morte de alguém no jornal para que isso aconteça, certo?

Nat – Quem sabe. Isso é chamado de profecia autorrealizadora.

Luca – Uma quê?

Nat – Anuncias algo, e o simples fato de teres anunciado faz com que aconteça.

Luca – Por exemplo...?

Nat – Predizes a vitória de um candidato nas eleições presidenciais, isso o torna o favorito, e como ele é o favorito, as pessoas votam nele, e no final, ele é eleito.

Luca – Entendi... Como Jesus, certo? Ele se proclama filho de Deus e anuncia que morrerá mártir. Então o crucificam, e como ele morreu na cruz, é transformado em um deus.

Nat – Exatamente...

Luca – E no caso do Manolo?

Nat – Anunciamos a sua morte para fazer uma brincadeira, ele leva um susto e morre por causa disso.

Luca – Em um acidente de parapente?

Nat – Sim, claro, isso não faz sentido...

Uma pausa.

Luca – Achas que podemos ter problemas?

Nat – Não sei... Mas desta vez, acho que fomos longe demais.

Chris e Toni chegam com um ar solene. Chris usa uma faixa tricolor de prefeito.

Chris – Bom dia, Concha.

Concha – Senhor prefeito. Senhora vice-prefeita.

Toni – Por favor, esqueça isso.

Chris – Hoje já não somos funcionários eleitos, já não somos coveiros...

Toni – Nem sequer somos clientes.

Chris – Somos apenas amigos.

Concha – Querem algo para beber, mesmo assim?

Toni – Não hoje, obrigado.

Chris – Prometemos que manteríamos a sobriedade.

Concha – Ele está com vocês?

Toni – Na carrinha, bem à frente. Ele está à espera para a última viagem...

Chris – Ele está... Sabe... É melhor não ver...

Concha – Bem... Tenho certeza de que ele ficará feliz em ir com vocês. Certifiquem-se de fechar bem a porta traseira, por favor? Não queremos que ele se perca em uma curva...

Toni – Não te preocupes, está fechada.

Chris – Quer ir connosco também?

Concha – Assim que eu terminar com os últimos clientes, eu junto-me a vocês.

Toni – Perfeito.

Concha – Bem, mais um para o caminho.

Chris – Mas algo não muito forte.

Concha – O que é que vão querer?

Toni – Uma cervejinha.

Chris – O mesmo.

Ela serve-lhes.

Concha – A rodada é por conta do dono. Aproveitem, é a última.

Eles esvaziam os copos de um gole só. Nat e Luca olham um para o outro, desconfortáveis.

Luca – Nem sequer fomos à cerimônia.

Nat – Nós não sabíamos.

Luca – Estava no jornal, dizem.

Nat – Se está no jornal, então...

Luca – A pobre coitada, olha só. Eles devem ter estado casados por trinta ou quarenta anos, e de repente, ela está sozinha...

Nat – Esse é o risco do casamento. Raramente os dois morrem ao mesmo tempo.

Luca – Especialmente num acidente de parapente...

Nat – Pelo menos, foram felizes todos esses anos.

Luca – Felizes? Tens a certeza?

Nat – Não sei...

Luca – Se isso é felicidade conjugal, sinceramente, prefiro viver com um gato.

Nat – Sim. Mas é provável que o gato morra antes de ti...

Um momento de silêncio.

Luca – Ainda me sinto um bocado mal...

Nat – Eu também...

Luca – Bem, na verdade, não sabemos... Talvez seja apenas uma coincidência. Talvez ele tivesse um coração fraco e morreu de um ataque cardíaco...

Nat – Uma coincidência, achas...? Se ele tinha um coração fraco, a sua escolha presidencial já devia tê-lo afetado...

Luca – Tens razão, como diz o poeta, a coincidência é o purgatório da causalidade...

Nat – Sim... (*Um momento*) Então, é mesmo isso que pensas?

Luca – Da coincidência?

Nat – Do casamento.

Luca – Não sei... Se for para deixar aos nossos filhos um planeta à beira da morte...

Nat – É verdade... Mas não sei... Os nossos filhos... talvez possam mudar o mundo.

Luca – Lembra-te das térmitas...

Nat – Sim, claro.

Luca – Porquê perguntas isso?

Nat – O quê?

Luca – Sobre o casamento.

Nat – Não, por nada... Parece que ela está a aguentar bem, apesar de tudo...

Voltamos ao balcão.

Concha – Vamos, vou brindar convosco. Não nos vamos deixar abater, não é?

Ela serve-se de uma cerveja pequena e brindam.

Chris – Por ti, Concha!

Toni – Enquanto tivermos saúde.

Concha – Pensar que ele nunca mais vai atravessar aquela porta...

Chris – Pensa noutra coisa. Estás a magoar-te...

Toni – Além disso, não podemos demorar. Ele vai começar a ficar impaciente...

Manolo chega, visivelmente emocionado, e olha em volta com nostalgia. Nat e Luca são os primeiros a vê-lo e ficam obviamente perplexos. Os outros também notam, mas não parecem surpresos.

Chris – Ah, ele está aqui, mesmo a tempo...

Toni – Então é oficial, Manolo? A reforma já chegou?

Manolo – O que é que se vai fazer...? É preciso saber quando se retirar...

Concha – Foi bonito, essa pequena cerimónia, não foi?

Manolo – Sim... Gostei do teu discurso, senhor presidente da câmara. Soou um bocado como um elogio fúnebre, mas pronto...

Chris – O que é que se vai fazer...? Deformação profissional...

Toni – Tens a certeza da tua decisão?

Manolo – Não vou mudar de ideias, fica tranquilo. Não vou ser como aqueles cantores populares que se despedem do espetáculo três vezes por ano.

Chris – Vamos ter saudades tuas, Manolo. Já não fazem gente como tu.

Concha – Ainda bem...

Manolo – Vamos aproveitar para relaxar um pouco. Para a semana, vamos para as Canárias, não é, Concha?

Concha – Não será com o Avião Presidencial, mas pronto... As malas já estão feitas. E encontrámos o código...

Toni – Que código?

Concha – O código da mala!

Manolo – Desde que a fábrica fechou, já estávamos por um fio.

Concha – Não dá para manter um bar com apenas dois clientes. Mesmo que bebam tanto como vocês.

Toni – Era por solidariedade, minha pobre Concha.

Chris – Parece que a fábrica está ocupada.

Manolo – Ocupada?

Toni – Todos os dias chegam jovens da capital. Já são uns cinquenta, dizem.

Chris – Se conseguirem reproduzir-se ao ar livre... vão acabar por repovoar a vila.

Manolo – Sim, mas os jovens não bebem tanto como os operários.

Concha – O que é que se vai fazer, Manolo...? Não soubemos reinventar-nos a tempo, e é isso. Já tínhamos perdido o comboio do café-internet nos anos 90, e também falhámos o dos coffee-shops nos anos 2000.

Toni – Se posso dizer alguma coisa, também perderam o dos jukebox nos anos 50...

Concha – Sim... E já à nossa idade não vamos mudar. Somos dinossauros.

Manolo – E o que é que esses jovens fazem nessa fábrica?

Chris – Pneus não fazem, isso é certo.

Concha – Pelo menos, também não os queimam.

Toni – Parece que a transformaram num espaço de coworking.

Manolo – Num quê?

Chris – Num lugar onde jovens que fundaram start-ups podem trabalhar juntos.

Toni – Também têm um espaço para tomar café e jogar matraquilhos.

Concha – Então é um bar...

Manolo – De qualquer modo, obrigado por nos emprestarem o carro fúnebre para a mudança.

Toni – Quando podemos ajudar, ajudamos.

Concha – Precisam de fazer mais uma viagem ou...?

Manolo – Não, não, foi a última viagem.

Um momento de pausa.

Chris – Era o único bar da aldeia. Agora, onde é que vamos tomar o aperitivo?

Toni – Um café que fecha é uma aldeia que morre.

Concha – Ou podem ir para a fábrica com os jovens, no... coworking. E tomar o aperitivo com eles.

Manolo – Não sei se as agências funerárias podem ser consideradas uma start-up.

Concha – Ou talvez devessem inovar.

Manolo – É verdade que não houve muitas inovações no setor funerário nos últimos anos.

Chris – Sim, é uma profissão que continua a ser muito tradicional.

Toni – O que é que poderia ser a inovação no setor funerário?

Concha – O orgânico está em alta. É um mercado promissor.

Chris – Já tenho o slogan – Melhore o balanço de carbono do seu ente querido, faça compostagem. O planeta vai agradecer.

Esvaziam os copos.

Toni – De qualquer modo, isso não vai trazer o Manolo de volta.

Chris – Um dono de bar é mais difícil de substituir do que um médico rural.

Concha – E no entanto, para ser dono de um bar, não precisas de quinze anos de estudos. Verdade?

Nat e Luca esboçam um sorriso educado.

Manolo – Eu não tenho nenhum diploma. E isso não me impediu de fazer o meu caminho.

Toni – Sim, és um autodidata, como quem diz. Um self-made man...

Concha – Bem... Um autodidata é alguém que estuda por conta própria, e um self-made man é alguém que teve sucesso por si mesmo... Portanto, no caso do meu Manolo...

Um momento de pausa.

Chris – E os jovens não podiam ficar com o teu café?

Nat e Luca parecem desconcertados.

Toni – É verdade, rapazes. Em vez de fazerem estudos que não servem para nada.

Chris – O que é que querem fazer na vida?

Luca – Sou vegano. E milito numa associação pelo bem-estar animal. Quero abrir um santuário para animais resgatados de matadouros.

Concha – Bem, um bar é mais ou menos a mesma coisa. É um santuário para os naufragos do trabalho. Os naufragos da vida. Vêm aqui à procura de um pouco de conversa. Um pouco de calor humano.

Toni – E tu, rapaz, o que é que queres fazer?

Nat – Teatro. Quero ser ator...

Manolo – Teatro... Eu faço o palhaço atrás do meu balcão há quarenta anos. (*Apontando para o café*) Este é o meu teatro. O palco é o bar, é onde fazemos o nosso pequeno espetáculo, e o público senta-se no salão.

Concha – Cada vez menos, infelizmente...

Manolo (*apontando para os coveiros*) – E os meus companheiros de cena, ali estão eles...

Concha – Não são estrelas, mas não poupam esforços, acreditem.

Manolo – Têm sempre uma piada para contar.

Concha – Sempre uma brincadeira.

Manolo – Nunca estão de mau humor.

Um momento emotivo. Alguns limpam uma lágrima com um lenço.

Toni – E hoje, fechamos o pano.

Chris – É a última função.

Manolo – Nossa despedida dos palcos.

Tentam recuperar a compostura.

Concha – Desta vez vamos embora, ou acabaremos chorando.

Manolo (*para os jovens*) – Têm de fechar as cortinas ao sair...

Nat – As cortinas?

Concha – As cortinas de aço da entrada.

Chris – Não parecem muito espertos, pois não?

Manolo – Não, formam um bom par.

Dirigem-se para a saída, lançando um olhar nostálgico ao redor.

Toni – Aqui está, deixo-vos o jornal de amanhã, vi algo lá que pode interessar-vos...

Ela deixa o jornal sobre a mesa deles.

Luca – Obrigado...

Manolo, Concha, Chris e Toni saem.

Nat – Pelo menos, ele não está morto.

Luca – E felizmente, também não é Presidente da República.

Nat e Luca permanecem em silêncio por um momento.

Nat – O que achas?

Luca – O quê?

Nat – E se ficássemos com este café?

Luca – Estás a brincar?

Nat – Porque não? Podemos fazer um café-teatro.

Luca – Café-teatro à noite e café com gatos durante o dia... É uma boa ideia...

Nat – É o que queríamos, não é? Já não acreditamos na política. Queremos mudar o mundo de baixo para cima.

Luca – Claramente, mais abaixo disto é impossível.

Nat – Ou teríamos de começar a cavar. Então?

Luca – Com todos os jovens que estão a instalar-se na fábrica, poderíamos reviver a aldeia.

Nat – Um café-teatro... Temos de admitir que, como conceito, é mais adequado para a zona do que um clube de parapente.

Luca – Para o parapente, aqui é demasiado plano.

Nat – Não sei que idiota disse que a Terra era plana, mas certamente vivia por aqui.

Luca – Não, é uma ideia genial... Vamos celebrar!

Luca vai até ao balcão onde ainda está a garrafa de anis. Nat segue-o, um pouco mais hesitante.

Nat – Achas que podemos servir-nos assim sem mais nem menos?

Luca pega numa garrafa de anisete e enche dois copos.

Luca – Se agora somos os donos... Vamos... Por nosso novo projeto!

Brindam e esvaziam os copos.

Nat – Já tenho o título para a nossa primeira peça – O Sorteio do Presidente!

Luca – Estás a brincar, certo?

Nat – Não sei... E tu?

Luca – Direi-te quando me passar o efeito do álcool, não estou muito habituado.

Nat – Eu também... Aliás, este anisete tem um sabor estranho, não?

Luca – Devem fabricá-lo eles próprios com etanol para tratores.

Nat – Com certeza que lhes danificou o cérebro...

Ele serve-lhe outro anis. Estão a começar a ficar um pouco embriagados.

Luca – O que diziam sobre esse jornal?

Nat – Não sei... Falavam de um artigo que poderia interessar-nos...

Luca volta para a mesa, pega no jornal e olha distraído. Nat junta-se a ele.

Luca – O que poderia interessar-nos neste jornal de aldeia?

Nat – Devem imaginar que estamos à procura de trabalho na agricultura.

Os dois jovens estão sentados de frente para o público e não veem o que está a acontecer atrás deles. Os outros voltam em silêncio para assistir à cena, rindo-se, mas permanecem fora da vista para não serem descobertos. Podem espreitar por detrás da cortina de fundo.

Luca – Isto é incrível...

Nat – O que se passa?

Luca – No jornal, na secção de anúncios. Dizem que nos casamos em três semanas.

Nat – Quem?

Luca – Nós!

Nat – Nós...? Queres dizer tu e eu... juntos?

Luca – Aqui diz isso!

Nat – Deixa ver... (*Ele pega no jornal e olha.*) Uau, é verdade... Deve ser um erro...

Luca – Claro que é um erro! Se nos casássemos daqui a três semanas, saberíamos, não?

Nat – Sim, claro...

Estão um pouco confusos... além de um pouco embriagados.

Luca – E tu não sabias de nada?

Nat – Não...

Luca – A secção de anúncios é melhor do que a de necrologias, mas mesmo assim...

Nat – Isso é verdade.

Luca – Ou talvez seja outra profecia autorrealizadora...

Silêncio incómodo.

Nat – E... se eu fosse presidente, aceitarias ser a minha primeira-dama?

Luca – Se estiver no jornal...

Nat – E já temos as flores.

Luca – Daqui a três semanas estarão murchas...

Nat – Daqui a trinta anos, nós também.

Levanta novamente o seu copo.

Luca – Como diz o poeta – "Colhamos hoje as rosas da vida..."

Esvazia o copo. Nat pega numa rosa, ajoelha-se e entrega-a a Luca.

Nat – Queres casar-te comigo?

Ela pega a rosa para indicar que aceita.

Luca – Pensei que nunca irias perguntar...

Nat – Então?

Ela pega a rosa para indicar que aceita.

Luca – Sim, aceito...

Chris e Toni aproximam-se. Chris ainda tem a sua faixa tricolor. Toni traz um crucifixo ao redor do pescoço. Toni abençoa-os, fazendo o sinal da cruz com a mão.

Toni – Que assim seja...

Chris – Meus filhos, declaro-vos unidos pelos laços do matrimónio.

Toni – Pode beijar o defunto.

Concha – O defunto?

Toni – Desculpa, queria dizer a noiva, claro...

Nat – Um casamento oficiado por dois coveiros...

Luca – Isto promete...

Nat beija Luca.

Os outros (em uníssono) – Viva os noivos!

Aplaudem e atiram arroz. Luca lança o ramo. Os coveiros tentam apanhá-lo. Toca música de casamento.

Corte para preto.

FIM

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 100 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*).

É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, varias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais, a procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque (comediatheque.net). No entanto, qualquer representação publica fica sujeita a autorização junto da SACD.

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Comédias para 2

A janela da frente
Cara ou coroa
Ela e Ele
Encontro na plataforma
EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
Os Naufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue

Comédias para 3

Crash Zone
Cuidado frágil
Méngae à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade...

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
O amor é cego
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Quarentena
Quatro estrelas
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Flagrante delírio
Nochebuena en la comisaría
O Rei dos idiotas
Pronóstico Reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas

Comedias para 7 ou mais

A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Jogo de Escape
O Jackpot
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Pré-histórias Grotescas
Réveillon na esquadra
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Comedias de sainetes (sketches)

Breves do tempo perdido
Cenas de rua
Corações Abertos
Ela e Ele
Morrer de Rir

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seu site :*
<https://comediathèque.net>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Maio de 2024

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-204-3

Documento para download gratuito